



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

JADSON PEREIRA VIEIRA

**MEMÓRIA E HISTÓRIA DO MOVIMENTO DE TRABALHADORES RURAIS EM
ALAGOA NOVA-PB: RELATOS BIOGRÁFICOS DE JOSEFA ERMINA COBÉ
(1970-1984)**

**CAMPINA GRANDE – PB
2012**

JADSON PEREIRA VIEIRA

**MEMÓRIA E HISTÓRIA DO MOVIMENTO DE TRABALHADORES RURAIS EM
ALAGOA NOVA-PB: RELATOS BIOGRÁFICOS DE JOSEFA ERMINA COBÉ
(1970-1984)**

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura Plena em História apresentado a Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau graduado.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araujo.

CAMPINA GRANDE – PB
2012

V658m

Vieira, Jadson Pereira.

Memória e história do movimento de trabalhadores rurais em Alagoa Nova-PB [manuscrito]: relatos biográficos de Josefa Ermina Cobé (1970-1984). / Jadson Pereira Vieira. – 2012.

25 f. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo, Departamento de História”.

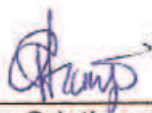
1. Movimento social. 2. Reforma agrária. 3. Memória. 4. História da Paraíba I. Título.

21. ed. CDD 303.484

JADSON PEREIRA VIEIRA

**MEMÓRIA E HISTÓRIA DO MOVIMENTO DE TRABALHADORES RURAIS EM
ALAGOA NOVA-PB: RELATOS BIOGRÁFICOS DE JOSEFA ERMINA COBÉ
(1970-1984).**

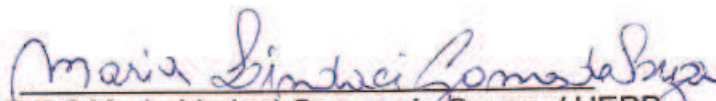
Aprovado em 23/05/2012.



Profª Drª Patricia Cristina de Aragão Araujo / UEPB
Orientadora



Prof. Dr. Jomar Ricardo da Silva. / UEPB
Examinador



Profª Drª Maria Lindaci Gomes de Souza. / UEPB
Examinadora

RESUMO.

Pensar a educação popular e os direitos humanos implica contemplar e visibilizar aspectos importantes dos estudos referentes aos movimentos sociais e neles trazer à tona suas protagonistas: As mulheres trabalhadoras rurais e suas lutas diárias. No contexto desses movimentos, a luta pela terra e a mobilização social de tais trabalhadoras, norteiam a história dos agentes sociais do campo, em face das condições desiguais de vida e trabalho que ainda possuem, em relação à minoria hegemônica do poder econômico da sociedade brasileira. Neste sentido, torna-se necessário abordar experiências e agenciamentos destas trabalhadoras, enfatizando como estas protagonizaram suas lutas no trajeto da história. Para tanto, destacamos muitas mulheres que atuaram na reforma agrária. Na busca de melhores condições de trabalho no campo. Objetivamos, assim, refletir acerca da luta pela terra em Alagoa Nova - PB, a partir do olhar centrado na atuação das trabalhadoras, partindo das memórias de uma líder local Josefa Ermina Cobé. Ancorados na biografia desta mulher camponesa, atuante no município paraibano durante o período ditatorial, narramos a história dos que participaram do movimento, tematizando a educação popular, problematizando e contextualizando a trajetória dos trabalhadores do Engenho Geraldo, tendo como foco as memórias e histórias desta liderança feminina. Nosso percurso metodológico é estruturado na História oral de vida em interface com documentos oficiais e imagéticos (fotografias). Trabalhar com a memória e a biografia nos possibilita trazer uma nova perspectiva na pesquisa social e, portanto histórica, que visa notabilizar a luta das trabalhadoras do campo no contexto dos movimentos sociais. Percebemos que pouco se discute o tema, no que se refere à figura da mulher que já lutou no processo de reforma agrária no país. Esta contribuição amplia os posicionamentos que descaracterizam o movimento social. Deste modo, compreendemos que a atuação feminina nesse âmbito incide numa forma de educação que privilegia os direitos humanos, conforme atesta a história de vida e a luta de nossa entrevistada.

PALAVRAS-CHAVE: Movimento Social. Luta pela terra. Mulher. Biografia. Memória.

ABSTRACT

Thinking about popular education and human rights implies contemplate and visualize important aspects of studies on social movements and bring them to light their protagonists: Women rural workers and their daily struggles. In the context of these movements, the struggle for land and social mobilization of such workers, guiding the history of the field of social agents, in view of the unequal conditions of life and work that have, in relation to minority hegemonic economic power of Brazilian society. In this sense, it is necessary to address experiences of these workers and agencies, focusing on how they played out their struggles in the path of history. To this end, we highlight many women who worked in the agrarian reform. In search of better working conditions in the field. Our objective, therefore, reflect on the struggle for land in New Alagoa - PB, from the look centered in the performance of workers, leaving memories of a local leader Josefa Ermina COBE. Anchored in the biography of this peasant woman, active in the municipality of Paraíba during the dictatorship, narrate the story of those who participated in the movement, popular education thematizing, questioning and contextualizing the history of the plantation workers Geraldo, focusing on the memories and stories of leadership female. Our methodological approach is structured in the oral history of life interface with official documents and image (photo). Working with memory and biography enables us to bring a new perspective on social research and thus history, which aims to excel the struggle of working within the field of social movements. We realize that little is said about the subject, as regards the figure of the woman who has fought in the land reform process in the country. This contribution extends the placements descaracterizam the social movement. Thus, we understand that women's work in this area cover a form of education that emphasizes human rights, as evidenced by the history of life and struggle of our interview.

Keywords: Social Movement. Struggle for land. Women. Biography. Memory.

1 INTRODUÇÃO

Para discutirmos o movimento social de luta pela terra partimos da questão agrária no Brasil e precisamos problematizar as impressões em torno da distribuição de terras na sociedade brasileira, a partir do período colonial. Sobretudo em relação às práticas de doações de sesmarias que se configuraram, em um primeiro momento, como um dos fatores preponderantes na concentração dos lotes no nosso país. Aliando-se a este modelo, registrou-se a proliferação da monocultura e as fortes estratificações sociais que historicamente se consolidaram no Brasil.

Perpetuando-se as práticas de segregação, notabilizamos a presença de continuidades no que se refere às lutas camponesas dentro do contexto dos movimentos sociais, a exemplo do caso do Engenho Geraldo, que em plena década de 1970, registrou situações que se caracterizaram como modelos dicotômicos de separação econômica e social dos agentes envolvidos no âmbito da formação de classe (THOMPSON, 1987).

O contexto histórico paraibano não foi diferente de outras regiões do Brasil. A expansão e a consolidação dos latifúndios, acompanhadas das políticas voltadas para a questão agrária, promoveram a ascensão de uma aristocracia rural que se constituiu em inúmeras gerações. Dominando o poder econômico agrário, estas elites tornaram a Paraíba produtora de riquezas oriundas da monocultura, a exemplo da produção e do ciclo do açúcar, do sisal e do ciclo do algodão em nossa região (SOUZA, 1996)

É preciso enfatizar que estas elites locais também foram as responsáveis pela perpetuação de desigualdades sociais no campo, com apropriações do direito democrático à terra, e que devido a questões como estas o antagonismo da luta social nesse sentido se consolidou na Paraíba (SOUZA, 1996). Deste modo, o movimento social no campo nos remete a pensar no âmbito destes conflitos, sobre o papel da mulher e sua dimensionalidade no que concerne à sua atuação, em particular, no município de Alagoa Nova - PB.

Trabalhar com a temática dos movimentos sociais com ênfase nas mulheres é pensar tal categoria histórica enquanto um modelo constituído por bases que adentram no âmbito da educação, especificamente a educação popular, do mundo da oralidade, como o exemplo praticado por Dona Josefa Ermina Cobé. Esta senhora que é perpassada por subjetividades que a situam em práticas de

divulgação de conhecimento popular, necessárias para a consolidação de saberes referentes à luta social e a ideia de pertencimento à categoria da classe operária.

Nesta perspectiva, a educação popular condiz com a necessidade de estudos referentes a aspectos históricos ligados à trajetória dos movimentos sociais. A partir desta união de fatores é que buscamos, neste trabalho, traçar uma discussão que reforçá-los, mostrando-os como dualidades e, ao mesmo tempo, problematizando seus vínculos. Tal vinculação é fundamental na construção dos valores relacionados ao movimento social em suas mais diversas significações no tempo histórico. No entanto, como são necessárias a temporalização e a espacialização do que se pretende a analisar, enquanto continuidades e rupturas históricas, buscamos o estudo entre os anos de 1970 e 1984, pois este foi o período de maior atuação de dona Josefa Ermina Cobé na luta do Engenho Geraldo. Neste período ela assumiu fortemente o papel de uma das lideranças que ali se consolidaram e marcou assim sua atuação enquanto educadora social da luta pelos direitos no campo.

Partimos da análise do movimento social de luta pela terra ocorrido no Engenho Geraldo em Alagoa Nova- PB, para discutirmos a inserção das mulheres nesta luta e o papel que desenvolveram nesse contexto. Tal pretensão se caracteriza como uma maneira de visualizar a realidade local, apresentando novas leituras sobre a importância que esta luta teve para os que dela participaram direta ou indiretamente. Trata-se de uma forma de registro da importância histórica e social do município de Alagoa Nova, sendo ainda uma maneira de preservar as memórias sociais coletivas dos que teceram a historicidade local.

Objetivamos deste modo, apresentar a participação feminina em tal movimento, visibilizando a mulher enquanto líder que se utilizou da educação popular para promover modos de conscientizar a partir das ações exercidas. Aqui, buscaremos exemplificar tais lutas do movimento, através da trajetória de Josefa Ermina Cobé, conhecida como Dona Nem, considerada exemplo de liderança feminina entre as pessoas que fazem parte desta comunidade rural. As suas narrativas de vida nos permitiram inferir práticas de conscientização e valorização do trabalhador rural, numa perspectiva de educação popular centrada na abordagem dos direitos humanos, sobretudo, quando efetua ações de difusão de conhecimento e liderança comunitária.

Esta senhora vem trazer para sua comunidade um modelo de ação educativa que aponta para a experiência de luta enquanto mola-mestra de suas atitudes de

liderança, possibilitando-nos depreender como eram significativos os agenciamentos das mulheres do campo no movimento social.

Deste modo, buscaremos, a partir de uma perspectiva histórica pautada nas memórias e histórias de vida de Josefa Ermina Cobé, analisar a representatividade da liderança feminina no movimento social do Engenho Geraldo, configurada nas suas experiências, agenciamentos e narrativas de vida, destacando as ações desenvolvidas por ela na comunidade rural onde atuou.

Nossa proposta é mostrar que havia uma ação educativa no fazer destas mulheres. Uma educação que propicia pensar os direitos humanos e sociais das trabalhadoras rurais como uma prática educacional vinculada ao contexto da educação popular, mostrando suas experiências coletivas e individuais.

A tomada de consciência da importância feminina nos movimentos sociais é fundamental pois, historicamente, as mulheres foram conduzidas a um patamar de desigualdade social em relação aos homens. Na História, enquanto ciência correntes teóricas do início do século XX apresentavam, sobretudo, um olhar machista sobre as mulheres na sua relação com a sociedade.

Deste modo, Matos (2002) ao questionar se realmente a mulher se caracteriza como um ser “passivo”, restrita exclusivamente ao lar e presa aos dogmas sociais existentes, mostra-nos, na verdade, que este discurso de inferioridade é fruto de uma construção histórica.

Não se deve esquecer, ainda, que as relações de gênero são um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças hierárquicas que distinguem os sexos, e são, portanto, uma forma primária de relações significantes de poder (MATOS, 2002, p.8)

No contexto das relações de gênero, pensar o papel da mulher assim como o do homem, para um contexto de reivindicação de direitos humanos dentro dos movimentos sociais e mais especificamente na luta camponesa, é evidenciar o papel de igualdade nessas relações. Assim, nesta pesquisa, pretendemos mostrar a realidade das agricultoras de Alagoa Nova a partir da senhora entrevistada, procurando percebê-la como agente social de importância única na consolidação do movimento camponês.

A proposta deste artigo é expor a que as trabalhadoras rurais do Engenho Geraldo, na sua luta pela reforma agrária, expressaram, através da busca pela equidade de gênero, uma perspectiva de educação popular pautada nos direitos

humanos. As mulheres também passaram a ser vistas enquanto lideranças significativas para o seu meio social. Deste modo, suas lutas podem ser consideradas relevantes e portadoras de importantes conteúdos educacionais e históricos.

A partir deste foco, trabalhamos na perspectiva de gênero, trazendo os estudos sobre mulheres configurados sob o olhar das Histórias de vida (MEIHY, 2007) de Josefa Ermina Cobé. Abordaremos, através de suas narrativas e de sua biografia, a tessitura de uma história sobre as mulheres na luta dos movimentos sociais, em que estas protagonizavam suas próprias vivências, desenvolvendo ações educativas. Neste sentido, postulamos que estas personagens fizeram educação popular no contexto do movimento, numa dimensão crítico-histórica, pautada nas suas experiências coletivas.

Nossa abordagem metodológica está centrada na História oral como pressuposto de análise em sua perspectiva de História de vida. Em nossa pesquisa trabalhamos a história oral com idosos, através de entrevista, como é o caso de Dona Josefa Ermina Cobé, hoje com 90 anos, procedimento que nos coloca um novo desafio com relação ao nosso objetivo, sendo necessário que olhemos para as lembranças, dessa senhora, como importantes fontes de análise (BOSI, 2009).

Adotamos a perspectiva da História social, uma vez que esta ao nosso ver, é a que melhor se relaciona com nossos propósitos, no sentido de alinharmos a análise de uma educação popular em sua relação com o gênero, na categoria mulher, e os estudos sobre o movimento camponês.

Escolhemos este tema, ao ouvirmos relatos da comunidade e questionamentos de membros da sociedade sobre os acontecimentos históricos presentes na comunidade rural do Engenho Geraldo de Alagoa Nova – PB. Assim, nos surgiu a ideia de pesquisar como se deu este movimento entre os anos de 1970 e 1984. A partir de tais relatos verificamos as participações das mulheres, sobretudo, de Dona Nem na condição de líder do movimento e inclusive considerando narrativas sobre sua atuação enquanto liderança. Isto nos fez perceber que seria de suma importância um estudo sobre este acontecimento histórico, afim de visibilizar a história dessa região paraibana.

Outro ponto relevante a ser destacado é a importância dos relatos orais através da História oral de vida, que é o ponto central desta pesquisa. Ao realizarmos nossos estudos sobre a memória de Josefa Ermina Cobé, estamos

notabilizando suas experiências e os agenciamentos na revalidação de sua luta pela terra na localidade, deste modo acreditamos que “*a documentação oral apreendida por meio de gravações eletrônicas feitas com o propósito de registro torna-se fonte oral (MEIHY, 2007, p.14)*”. Na verdade, os relatos orais detectados por meio de gravação foram úteis no sentido de melhor compreender aspectos valiosos da sua vida e das histórias dos trabalhadores e trabalhadoras rurais que se articularam à sua luta.

Com relação às técnicas utilizadas na construção desta pesquisa, é imprescindível a utilização da História Oral de vida no recolhimento das fontes (MEIHY, 2007). Os relatos biográficos podem dar ao acontecimento histórico uma maior substancialidade. Esta oralidade, direta ou indiretamente, contribui para um processo transformador do simples relato em História propriamente dita. É por isso que as narrativas orais podem ser aproveitadas na elaboração da história da luta camponesa no Engenho Geraldo – PB. De acordo com Barros (2004) no que se refere à história oral chama atenção de que:

Esta subdivisão historiográfica refere-se a um tipo de fonte com o qual o historiador trabalha o saber, os testemunhos orais. Aqui, entramos em outro tipo de critério que não interfere com os do primeiro grupo. Um historiador pode estabelecer como enfoque a história política ou a cultural, e selecionar como abordagem a história oral (BARROS, 2004. p.132).

Nossa pesquisa se configura como um trabalho inédito, tendo em vista que pesquisamos e observamos que em relação à temática não há relatos de estudos nesta perspectiva na comunidade citada. Existem outras pesquisas que já foram realizadas, no entanto, abordando outras questões relacionadas à comunidade do Engenho Geraldo e sua reforma agrária.

Assim, é interessante percebermos que ao mudarmos nosso olhar sobre o objeto a ser pesquisado, estamos escolhendo um caminho que outros não escolheram. Esta é nossa contribuição para os estudos no campo da História Social, tomando como base a análise da história de vida de uma líder comunitária.

O Referencial teórico encontra respaldo nas discussões elaboradas no campo da história social inglesa desenvolvida por E.P Thompson (1987) e outros, trazendo também enfoques relacionados aos direitos humanos e a educação popular. Com

estes buscaremos nortear nossa construção, apoiando-nos sempre que necessário no que foi teorizado por tais estudiosos da História.

2 EDUCAÇÃO POPULAR NO MOVIMENTO SOCIAL: OLHARES SOBRE AS EXPERIÊNCIAS E AGENCIAMENTOS DE MULHERES TRABALHADORAS RURAIS NO ENGENHO GERALDO- PB

Ampliar a relação da História com o mundo social é algo pertinente no âmbito do fazer histórico, pois nos mostra um traço que caracteriza a luta dos indivíduos pela busca da liberdade e de seus direitos humanos e sócio-políticos com relação à terra onde vivem. Trata-se, pois de um desejo de valorização de seu lugar de pertencimento e quebra da ideia de “povo oprimido”.

É esta força, juntamente com a aspiração de mudança, que move as ações de pessoas que constroem uma brilhante batalha, esquecendo possíveis limitações e maiores obstáculos. A partir da luta pelos direitos humanos, verifica-se uma proposta educativa, alçada nos preceitos de uma educação popular, que é, como nos coloca Paulo Freire, uma prática para a liberdade, acionando assim, os sujeitos sociais em suas diferentes formas de estar no mundo.

Pensar a educação popular e os direitos humanos implica contemplar e visualizar aspectos importantes dos estudos referentes aos movimentos sociais e neles trazer à tona os seus protagonistas e suas lutas diárias. No contexto dos movimentos sociais, a luta pela terra e a mobilização social dos trabalhadores têm consistido num dos mais efetivos elementos capazes de nortear a história de homens e mulheres do campo em face das condições desiguais de vida e trabalho, que se mostra uma questão hegemônica na sociedade brasileira.

Neste sentido, torna-se fundamental verificar como estes buscavam suas formas de educação e como o conhecimento das lideranças influenciava nesse processo. Assim, torna-se necessário realizar uma análise biográfica da história de vida dos sujeitos envolvidos em luta pela terra, a exemplo de Dona Nem, uma vez que tais estudos nos permitem fazer uma nova leitura sobre o que é educação, conforme nos coloca DELORY-MOMBERGER (2008):

Enquanto conjunto de representações que o indivíduo constrói da própria vida e de sua História a biografia torna-se um componente e um Horizonte do campo educativo. A maneira

como os indivíduos biografam suas experiências e, em primeiro lugar, a maneira como integram em suas construções biográficas o que fazem e o que são na família, na escola e na sua profissão e na formação continuada são fortes integrantes do processo de aprendizagem e de formação (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.30).

Pensemos este ponto de referência em um movimento social camponês que se sustenta no conhecimento trazido pela cultura popular, produzindo uma educação pautada, com ênfase, na oralidade. Daí é pertinente que atentemos para as biografias das lideranças femininas que participaram diretamente do processo, pois, suas vozes e memórias são fundamentais na elaboração da história destes movimentos. Portanto, é preciso que estas sejam evidenciadas pelos estudos históricos como as grandes educadoras dos movimentos sociais no Brasil.

Neste sentido, torna-se necessário explorar experiências e agenciamentos dessas trabalhadoras rurais, percebendo-as como educadoras que protagonizaram suas lutas no trajeto da história, entre os quais destacamos a figura de muitas que atuaram na reforma agrária e na aquisição de melhores condições de trabalho no campo, a exemplo da Dona Nem.

Ao fazermos pesquisas e estudos sobre estas mulheres e suas atuações, traçamos uma metodologia que as situam nas atuais abordagens da História social, visibilizando novas leituras do movimento camponês, que não seria possível, nos moldes que o conhecemos no Brasil, sem a presença direta das mulheres. De acordo com Vasconcelos (2005) o esquecimento destas, notabiliza um outro tipo de escrita da história, uma escrita que se faz de forma androcêntrica,

Analisa o problema do androcentrismo no discurso histórico, o qual, quase sempre exclui as mulheres a partir do discurso da universalidade que incorpora conquistas e direitos apenas masculinos como se fossem relativos à toda a humanidade. Como exemplo, a autora aponta os valores proclamados na Revolução Francesa: Igualdade, Liberdade e Fraternidade, que aparecem na Declaração dos Direitos Universais do Homem. Esses direitos, que foram conquistados através da luta de homens e mulheres, beneficiaram apenas os primeiros, no entanto, aparecem no discurso histórico tradicional como se estivessem relacionados a toda a humanidade, bem como, aos machos da espécie humana (VASCONCELOS, 2005, p. 4).

Ao discutirmos sobre a questão da terra na cidade de Alagoa Nova, no Engenho Geraldo, tomamos como evidência o contexto da vida de uma líder deste movimento, cuja importância não pode ser silenciada, mediante suas ações no coletivo que moviam trabalhadores e trabalhadoras rurais naquela localidade.

2.1- EDUCAR PARA VALORES HUMANOS NO MOVIMENTO SOCIAL: UMA PRÁTICA EDUCATIVA

As questões que envolvem o saber educativo são bem mais complexas do que os reducionismos a que somos conduzidos a pensar quando o colocamos apenas sob a égide escolar. Discutir história e educação é analisar primordialmente as várias maneiras pelas quais se dão as relações humanas e como elas se constituem. Desta forma, é necessário olhar para estas relações e suas convivências, percebendo-as como uma forma de educação que se encaixa em uma perspectiva popular.

A importância da educação popular é de relevância significativa para as questões de nossa pesquisa, isto porque tematizar este enfoque permite que o diálogo historiográfico se estabeleça e, deste modo, possibilita um olhar reflexivo sobre o Engenho Geraldo, com o objetivo de traçar novas visões sobre o movimento social camponês desenvolvido nesta localidade. Ao explicar o papel exercido pela história Social, Bittencourt (2009) afirma que:

A “nova história social”, aproximando-se da antropologia e da literatura, preocupar-se-ia com diversos agrupamentos além daqueles caracterizados por um quadro socioeconômico, incluindo gênero, etnia, idade, etc. e como esses aspectos se relacionam com as diferentes classificações dos grupos sociais. As grandes mudanças e os processos sociais são muitas vezes identificados a partir do estudo de uma realidade particularizada, em alguns casos, próxima de uma dimensão analítica etnológica (BITTENCOURT, 2009, p.4).

Diante das novas bases, sob as quais estão fundados os estudos históricos, pretendemos refletir sobre as nuances específicas que se relacionam ao contexto da luta camponesa. Discussão que julgamos pertinente para as novas perspectivas de estudo do campo da História social, pois não basta mais olharmos para os aspectos totalizantes, é necessário que vejamos aspectos mais específicos e detalhados tais

como as relações de gênero, etnia e identidades etárias, que realmente nos mostram os cotidianos dos que não são favorecidos pelos escritos oficiais que, neste caso, seriam os camponeses.

Este tipo de estudo está em consonância com os pensamentos de THOMPSON (1987), no sentido de promover uma discussão em torno dos sujeitos oriundos das classes populares. Deste modo, refletimos sobre as questões relativas aos camponeses e suas lutas pela terra. Neste sentido, pensar as práticas educativas do Engenho Geraldo é considerar um viés de consciência de classe. Segundo Thompson (1987):

A consciência de classe é a forma como as experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, idéias e formas institucionais, se a experiência aparece como determinada, o mesmo não ocorre com a consciência de classe. Podemos ver uma lógica de uma relação de grupos profissionais semelhantes, que vivem experiências parecidas, mas não podemos predicar nenhuma Lei. A consciência de classe surge da mesma forma em tempos e lugares diferentes, mas nunca exatamente da mesma forma (THOMPSON, 1987, p.10).

O estudo de gênero, na vertente de estudos sobre as mulheres, pode ser visto no contexto do movimento camponês, pois nestas novas perspectivas é que colocamos Dona Josefa Ermina Cobé, líder comunitária atuante no Engenho Geraldo de Alagoa Nova – PB. Buscamos analisar como no contexto histórico de formação de luta pela terra, esta figura social, que intercalou suas vivências de luta nas décadas de 1970 e 1980 do século passado, com um modelo de educação popular que gerou uma consciência de classe valorizando dos direitos sociais dos/as trabalhadores/as rurais da comunidade.

Através da nossa luta, os homens também participava, mas na maioria das vezes quem entrava primeiro era as mulheres aqui no Geraldo, participava das novenas, depois ouvia as reuniões na novena e chegava em casa contava ao marido. Olhe, veja, tinha eu, Elza Vilar, Lourdes paulino, aí vem Socorro Barbosa, Toninha, ajuda de Teresa Braga (advogada), Hozana Japinhaçu, Nelzinha, Agmar Ferreira, era mulher que só, viu (JOSEFA ERMINA COBÉ, 2011).

Mostrar a questão de luta do Engenho Geraldo apresentando os relatos de memória de Dona Josefa Ermina Cobé não significava acirrar as separações entre as categorias, homens e mulheres, dentro de tal movimento, mas sobretudo valorizar o papel representativo que estas agentes históricas, representadas por esta senhora, tiveram na obtenção de direitos sociais dos camponeses (MATOS, 2002).

Assim, ao mencionarmos estes aspectos, chamamos a atenção de como esta líder se constituiu, na nossa compreensão, enquanto uma educadora social, representada nos seus encontros com a comunidade e nas orientações que dava aos trabalhadores e trabalhadoras rurais da região na busca de seus direitos, na valorização de sua história e na luta pela reforma agrária. A atual conjuntura de análise historiográfica abre o precedente para o estudo deste novo viés, olhar para as mulheres como representação de uma nova leitura histórica. Segundo Matos (2002):

Nas ciências sociais, nos últimos anos, os estudos sobre a mulher, sua participação na sociedade na organização familiar, nos movimentos sociais, na política e no trabalho foram ampliados; o tema adquiriu notoriedade e abriu novos espaços, em particular após a incorporação da categoria Gênero. A produção sobre as mulheres vem crescendo e tomando vigor pluralista, abrangendo distintas formas de abordagem e conteúdos variados (MATOS, 2002, p.5).

Dentro deste contexto inserimos os relatos biográficos desta senhora como importantes instrumentos para compreendermos a história do movimento social do Engenho Geraldo em Alagoa Nova - PB. Analisar seus relatos, olhando para suas narrativas de História de vida possibilita identificar diferentes aspectos do movimento camponês do qual ela participou enquanto líder, bem como sua atuação e seus significados para a história do movimento social no campo nesta localidade. Perceber, a partir dos atos de memória um viés educacional na fala de Dona Nem, é compreender que sua história e seu fazer no cotidiano como elementos importantes de uma Prática educativa. Deste modo, as memórias e lembranças de pessoas idosas, como a de nossa entrevistada, são fundamentais para compreendermos uma dada situação ou acontecimento histórico, conforme nos coloca Bosi (2009):

Há dimensões de aculturação que sem os velhos, a educação dos adultos não alcança plenitude: o rever do que se perdeu de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam então de nossas conversas e esperanças; enfim, o poder que os velhos têm de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir de andar e de agir (BOSI, 2009, p.74)

Dona Josefa Ermina Cobé, hoje com noventa anos de idade, não poderia ser entrevistada sem antes pensarmos a relação entre história e memória de velhos (BOSI, 2009). Uma vez que no seu exercício de relatar o que passou, no contexto de luta camponesa do que participou em sua mocidade, a personagem esta contribui para os estudos acadêmicos não apenas no que se refere à questão da participação feminina no movimento social e a maneira como dentro dele se constituiu uma educadora popular, mas também, e primordialmente, na revalidação da importância que os (as) idosos (as) têm em nossa sociedade.

Destacar o conceito de classe é, sobretudo, problematizar a sua formação como um acontecimento histórico. Deste modo, analisá-la nesta perspectiva, se insere numa visão de valorização da história e de suas construções sociais ao longo dos tempos. De acordo com Munhoz (1993):

Para Thompson, classe apenas no tempo e, em consequência disto, somente poderia ser conhecida historicamente. Abordagens não históricas necessariamente distorceriam e poderiam até obliterar o objeto (MUNHOZ, 1993, p.23).

Assim, podemos inserir, no contexto da luta no Engenho Geraldo a análise teórica referente à formação de classe na perspectiva de sua construção, a partir da ótica do campo e, mais precisamente, do movimento social do Engenho Geraldo, (THOMPSON, 1987).

Visto deste modo, Dona Josefa Ermina Cobé tinha em sua subjetividade a consciência do papel que representava para a comunidade e sabia da influência que exercia sobre seus amigos e vizinhos. Além disso, era autodidata, procurava estudar sobre as lutas dos trabalhadores ao redor do mundo, depois repassava tais fatos para as pessoas que a seguiam no movimento. Como afirma no seu relato:

Eu tinha muita vontade de aprender a ler, aí eu pedi a meu pai pra mim ensinar, ele não botava a gente na escola. Tinha escola mas era muito longe, era difícil chegar, a gente não tinha companhia, tudo pequeno, os caminho era difícil. Ai ,ele pegou a mim ensinar em casa e assim eu aprendi (JOSEFA ERMINA COBÉ, 2011)

A ação de Dona Nem e demais trabalhadores e trabalhadoras do campo está vinculada a um contexto maior, que é pensar sobre o papel da classe trabalhadora rural no âmbito de sua luta e sua conformação enquanto classe. Nessa perspectiva, podemos depreender que, no que concerne à forma de luta desta senhora, esta sabia dos caminhos que estava trilhando e das consequências de sua prática social, pelo nível de participação que esta tinha na vida do lugar na qual pertencia:

Eu sempre fui muito rezadeira, e o pessoal daqui foram mim chamando pra rezar aqui na casa do Geraldo, e eu comecei a rezar o terço e ler o evangelho com o povo nas casas do Geraldo, isso depois todo mundo ficou mim conhecendo e mim chamando ainda mais (JOSEFA ERMINA COBÉ, 2011)

2.2- NAS HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE DONA JOSEFA ERMINA COBÉ: A LUTA FEMININA NO MOVIMENTO SOCIAL

A busca pela representatividade das mulheres no movimento social é um exercício complexo, que exige dos historiadores um olhar fenomenológico sob o objeto de estudo. Uma vez que estas mulheres surgem, muitas vezes, de forma não perceptiva dentro dos movimentos, agindo como coadjuvantes, pelo menos aos olhos largos e factualistas da História.

Percebemos que, no caso do movimento social desencadeado no Engenho Geraldo, a liderança feminina foi algo marcante, sobretudo na reivindicação pelo direito à posse de terra, e na construção de uma idéia de pertencimento de classe de todos os que moravam naquela localidade.

Suas reuniões e suas reivindicações eram planejadas em conjunto com seus maridos e filhos, O mais importante é entender que suas atuações não se restringiam ao contexto doméstico, pois lideranças como dona Josefa Ermina Cobé estavam presentes em reuniões e encontros estratégicos de decisão sobre a luta.

Vemos na imagem abaixo, a atuação direta da liderança do movimento, esta aparece na reunião realizada durante uma missa na comunidade. Nesta imagem da década de 1970, percebemos a figura de dona Nem, caracterizando assim sua atuação direta na liderança do movimento local.



Fonte: (Imagem do arquivo pessoal de Maria de Lourdes Sousa, sem datação)

Percebemos a coerência entre a iconografia e o discurso da entrevistada:

Era, a gente começava rezando e depois debatia os problemas. Eles fazia umas perguntas dos problemas que a gente sofria aqui no Geraldo e depois dizia o que a gente podia fazer na comunidade pra conseguir nossa terra(JOSEFA ERMINA COBÉ, 2011).

Além destas questões, os trabalhadores e trabalhadoras nesta época reivindicavam seus direitos, conforme podemos perceber em documento enviado ao presidente do Sindicato rural de Alagoa Nova - PB em 1980, onde o movimento cobrava uma posição da instituição com relação à perseguição que estava sofrendo, por parte dos herdeiros da terra.

Mais recentemente aqueles proprietários promoveram uma ação de reintegração de posse contra nosso companheiro Pedro Luna, que comprara uma posse de Antonio Maximino dos Santos, conhecido como Antonio Olívio. O juiz de direito de Alagoa Nova, conhecedor do conflito já existente sem decidir o mérito, concedeu liminar de reintegração. Decisões dessa

natureza vêm perturbar e conflitar ainda mais o clima da propriedade (ABAIXO-ASSINADO DESTINADO AO PRESIDENTE DO SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE ALAGOA NOVA-PB, 1980).

Neste documento, não por acaso a primeira assinatura é de uma Mulher (Maria do Carmo André), seguida de várias outras assinaturas de homens e mulheres. As mulheres estavam presentes entre as mais de trezentas pessoas que assinaram o documento. No caso de Dona Nem, a atuação dela se dava nos momentos de encontro do grupo ou mesmo enquanto rezadeira ou animadora da comunidade. Nestes encontros, ela discutia com os trabalhadores acerca das questões e problemas das trabalhadoras e trabalhadores do Geraldo:

A gente sabia que a coisa era bem maior que a gente, por traz tinha o povo da igreja [...] e da luta era muita gente grande apoiando agente. Tinha pares, bispos que já faziam isto em outros lugar e tava disposto a ajudar. Eles já contava pra gente aquelas história que tinha acontecido em outro lugar e assim a gente foi aprendendo, eles deram agente pra estudar o livrinho dos direitos humanos, ai a gente com este livrinho aprendeu muita coisa, como era que acontecia as coisas e como a gente podia lutar. (JOSEJA ERMINA COBÉ, 2011)

Lembramos de Thompson (1987), quando analisa a formação de lideranças dentro de movimentos de classe. A ideia de classe seria, nesse contexto, a tomada de um pertencimento comum de um grupo de indivíduos, que buscam algum objetivo social. Este pensamento levou mulheres, a exemplo da citada anteriormente e a própria Dona Josefa Ermina Cobé, a tomarem posições de liderança, configurando seu papel social.

Evidentemente, questão é como o individuo veio a ocupar esse “papel social” e como a organização social especifica (com seus direitos de propriedade e estrutura de autoridade) ai chegou. Estas são questões históricas. Se detemos a História num determinado ponto, não há classe, mas simplesmente uma multidão de indivíduos com um amontoado de experiências. Mas se examinarmos esses homens durante um período adequado de mudanças sociais, observaremos padrões em suas relações, suas idéias e instituições. A classe é defendida pelos homens enquanto vivem sua própria História e, ao final, esta é uma única definição (THOMPSON, 1987, p.12).

A análise histórica que propomos está diretamente ligada ao que estas mulheres se propuseram a defender, a partir de um interesse em comum. Logo, a consciência da formação de classe surgiu entre elas como uma forma de valorização de suas origens e do apego a terra que, historicamente foi de seus pais. Embora que, nas leituras da lei estas, juntamente com suas famílias, não fossem “donas” da terra.

Podemos perceber que Dona Josefa Ermina Cobé se caracterizou como um exemplo destas que estiveram diretamente ligadas à luta no Engenho Geraldo. Suas memórias condizem com uma ideia de valorização das suas atitudes, como também de todos os que lutaram diretamente pela obtenção de seus direitos.

Motivadas pela bandeira do reconhecimento, muitas se articularam como consequência direta da educação popular promovida por dona Josefa Ermina Cobé, ao ponto de mais tarde, também se tornarem líderes, mesmo sabendo das dificuldades, dos preconceitos e exclusões existentes, uma vez que eram perseguidas durante a luta e lastimavelmente esquecidas após o término dela. Muitas que estiveram à frente das questões de terra foram discriminadas no contexto social mais amplo. No entanto, dentro da comunidade, estas sempre foram valorizadas enquanto exemplos para a coletividade.

Podemos levantar hipóteses do por quê deste interesse de participação e de suas atuações enquanto educadoras sociais. As fontes nos ajudam a perceber a motivação de dona Josefa Dona Josefa Ermina Cobé e das demais mulheres

A posse das nossas famílias é secular, vem desde os primitivos aldeamentos dos Bultrins (Aldeia velha dos Bultrins e olho d'água). Muitos dos nossos avós chegaram no Geraldo antes da família de Pedro Tavares[...]Não temos para onde ir, pois na cidade não há lugar nem condições para absorver todos nós. Além disso, não temos outro ofício, porque só sabemos trabalhar com a enxada. (ABAIXO-ASSINADO DESTINADO AO PRESIDENTE DO SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE ALAGOA NOVA-PB, 1980).

Podemos perceber as razões que conduziram estas mulheres à luta camponesa e daí tomassem uma consciência de classe (THOMPSON, 1987). Seria, antes de tudo, a motivação de pertencimento ao lugar que suas famílias habitavam há várias gerações, pois seria muito dispendioso se fossem expulsas para outros

locais. O ponto em comum que fazia com que estas lutassem e que Dona Nem carrega tão fortemente em suas memórias era o fato da ameaça dos herdeiros de Pedro Tavares, o último proprietário do Engenho Geraldo que queria expulsá-los do lugar.

Nos relatos de dona Josefa Ermina Cobé, percebemos este interesse das mulheres que, algumas vezes, segundo esta, eram as primeiras a apoiar o movimento, através das motivações criadas nos discursos da líder nos encontros, novenas e reuniões.

A gente começou a lutar por causa da reclamação e do sofrimento do povo, eles conversava com a gente que vivia nas terras dos outro, num tinha direito de plantar um pé de banana, um pé de laranja, num tinha direito de fazer uma casa, NE? Só fazia quando o proprietário mandasse (DONA JOSEFA ERMINA COBÉ, 2011).

A relação educacional foi muito forte nestes momentos de encontros, pois aos olhos de Josefa Ermina Cobé ofereciam mais facilidade de interação na comunidade, daí sua importância nos agenciamentos dos que moravam na região. Estes eram a principal forma de mobilização para que o movimento ganhasse força e representatividade.

Assim, seria impossível uma reforma agrária mobilizada por um só agente histórico. Como educadora popular esta mulher era requisitada mesmo que de forma inconsciente, pela razão de estar educando os/as agricultores/as para a tomada de consciência dos seus direitos. Assim, Seriam meramente reducionistas os argumentos de que as mulheres não participaram do movimento, já que suas relações de atuação eram mais do que evidentes para negarmos suas articulações.

Portanto, discutir no campo da história social a educação popular na perspectiva dos direitos humanos, tendo como norte a figura feminina e sua atuação, a partir dos atos de memória e biografia de Josefa Ermina Cobé são fundamentais para entender a trajetória de muitos (as) trabalhadores (as) que lutaram pelo direito à terra na comunidade do engenho Geraldo.

3 A HISTÓRIA DA LUTA PELA TERRA NO ENGENHO GERALDO: OS CONFLITOS ENTRE DONOS E OS POSSEIROS NAS NARRATIVAS DE DONA NEM

A Paraíba e, sobretudo, a região do brejo traz em suas marcas a luta pela posse da terra. Uma luta que historicamente é oriunda da concentração de terras e do latifúndio. Os conflitos dicotômicos entre a elite agrária e a classe trabalhadora cresceram acentuadamente, à margem do que podemos chamar de cidadania, provocando assim uma leva muito grande de trabalhadores e trabalhadoras desprovidos de seus direitos. Esta dualidade propiciou inúmeros conflitos de reivindicação social, nos quais os trabalhadores do campo lutavam pela posse da terra e reivindicavam uma estrutura societária igualitária e mais justa.

No contexto desta realidade observada ocorreram uma série de fatores que passaram a influenciar decisivamente nas mudanças sociais, sobretudo a partir da década de 1970, marcada por um declínio da atuação dos engenhos motivando uma série de conflitos entre trabalhadores/as e donos das terras onde estes moravam, numa gradativa substituição, a exemplo do que ocorreu no Geraldo.

Percebemos que a produção e exploração dos trabalhadores enquanto posseiros não era mais possível de sustentação. Observou-se a quebra do modelo estabelecido, com o surgimento de movimentos de reivindicação de direitos pela terra, propiciados por trabalhadores/as rurais, e estes foram se tornando cada vez mais fortes na região. A partir destas reivindicações dos agricultores/as que antes trabalhavam por produção para os “senhores dos engenhos” é que começa a ser consolidada uma nova realidade de percepção sobre a terra, a luta por ela e o direito social dos trabalhadores/as.

Nesse contexto de declínio dos engenhos de cana de açúcar é que podemos explorar algumas explicações para o movimento acontecido no Engenho Geraldo, nas décadas de 1970 e 1980, num exemplo de busca por direitos a terra por parte dos homens e mulheres que lá viviam.

Esse camponês, portanto, deixa de ser visto como um simples “pária”, um ser passivo perante os produtos impostos e passa a se destacar, ganhando relevo nas suas “maneiras de dar golpes”, “alterando” o seu cotidiano, reinventando-o de forma sutil, ou não (PAULO, 2004, p.57).

O medo de ser expulso da terra, pelos donos, antes tão presente no imaginário dos camponeses do Engenho Geraldo, passa a ser substituído por uma consciência de que é possível lutar pelos seus direitos, agora assegurados por uma conjuntura de uma nova realidade, dos direitos, que lhe possibilitava reivindicar o que antes seria impossível que era a tão sonhada posse da terra.

3.1- Relatos da “História de vida” de Dona Josefa Ermina Cobé

A mulher brejeira teve, conforme destacamos sua representatividade dentro do contexto de luta camponesa. Sua atuação rompia os muros do lar e moldava a sua força política, representada através de reuniões e encontros dos quais fazia parte. O sentimento de pertencimento e de valor que tinha com a terra onde plantava e os alimentos que poderiam sustentar seus filhos eram tão grandes que suas representações como pessoa ativa dentro dos movimentos era notória.

Josefa Ermina Cobé é uma das mulheres que tinha o sentimento de luta e de reivindicação, um exemplo de força política dentro do movimento de luta pela terra no município de Alagoa Nova – PB. Seu caráter de liderança ligado a sua feminilidade são exemplos de que estes movimentos acontecidos no contexto rural na década de 1970 estão longe de serem somente masculinos.

Utilizamos o exemplo desta senhora para destacar a importância histórica das mulheres dentro do movimento camponês. Ela nos auxilia a desmistificar os estereótipos construídos até então no meio social no qual estamos inseridos, sobre a “passividade” feminina e o seu “caráter inferior” ao dos homens. *Todo conceito Histórico, constituído, em determinado momento do processo histórico, por homens reais, concretos com interesses, valores também reais, concretos (VIEIRA, 2007, p.9).*

Esta mulher natural da cidade de Soledade – PB, foi uma ativa participante dos movimentos sociais rurais durante as décadas de 1970 e 1980 na região do brejo paraibano, e mais especificamente nas comunidades rurais de Alagoa Nova e adjacências. Sua história de luta pelos direitos dos homens e mulheres do campo na região do brejo paraibano começou com sua insatisfação com a situação dos/as trabalhadores/as a viverem, moradores/as e posseiros/as de pequenos lotes rurais nas terras dos engenhos que se estruturavam na região.

Autodidata e excelente oradora, herdou o dom da palavra de seu pai, senhor Odilon Marcelino de Queiroz, que a educou com próprios esforços para que assim a jovem pudesse acompanhá-lo nas novenas e grupos de orações ministradas por ele. A jovem Josefa Ermina Cobé cresceu nessas vivências e, aliado a este fato, por ter curiosidade em leituras paradidáticas, estudou sobre a luta de trabalhadores. Em seus relatos destacou que o primeiro livro que leu sobre este tema foi “_ *A História dos oito de maio (JOSEFA ERMINA COBÉ, 2011)*”. Tais fatores influenciaram suas lutas no decorrer de sua vida.

Conhecida na região como Dona Nem, esta mulher ganhou respeito e credibilidade dos que a conheciam. Sua característica de liderança despontou em diferentes localidades ajudando em vários movimentos, como os acontecidos nas comunidades rurais do Queira-Deus, Feitosa e no Engenho Geraldo, no município de Alagoa Nova, bem como em outros locais, a exemplo de lutas em Massaranduba, no Cajá e outras participações na região do município de Areia. Percebemos, deste modo, que sua atuação de liderança rompia os limites municipais e alcançava proporções em nível de estado.

No caso específico do Engenho Geraldo, vendo o poder que a família Tavares (grupo Oligárquico local) tinha sobre a região e o medo que impunha aos camponeses, Josefa Ermina Cobé começou a estudar o que poderia ajudá-la na orientação dos seus companheiros, como por exemplo a lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964, que trata da questão da reforma agrária e divisão das terras no Brasil no período. Paralelamente, promovia atividades religiosas de cunho cristão-católico (novenas, e reuniões bíblicas). Nesses encontros utilizava as discussões dos textos sagrados para comparar com suas leituras sobre movimentos sociais e conclamar o povo para lutar pelo seu direito a terra.

Dona Josefa Ermina Cobé se transformou numa importante líder do movimento específico do Engenho Geraldo e, para tanto, contou com o apoio de várias mulheres no momento da luta. Relatou em depoimento algo sobre o seu “grupo”, do qual faziam parte as amigas: Marinete, Lourdinha de Matias, Quincas, e Lourdes Paulino. Percebemos na sua atuação um caráter de educadora popular, pois através de seus conhecimentos a comunidade ficou ciente de seus direitos enquanto trabalhadores/as rurais. Isto se torna evidente a lei 4.504/64 que ela afirma ter estudado, que rege no seu Art. 2º seguinte texto: *É assegurada a todos a oportunidade de acesso à propriedade da terra, condicionada pela sua função social,*

na forma prevista. Daí torna-se oportuno pensar a sua importância enquanto disseminadora de conhecimentos ligados à luta pela terra.

O povo se acomodaram. Não tem mais a união que tinha antes nas lutas, o povo só olha pra si. Também por hoje não existe mais os patrões (senhores de engenho), o trabalho e o movimento fez com que todo mundo lutasse e tivesse seu pedacinho de terra e sua própria vida, ai como não tem mais gente. Olhe eu caço daqui por perto de Campina até Alagoa Grande que ainda seja posseiro. Hoje tudo é proprietário de seu chão, não tem mais senhor de engenho e os que têm, não tem mais morador (JOSEFA ERMINA COBÉ, 2011).

Sobre este aspecto da narrativa Delory-Mombergens (2008):

A narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossas vidas, é ela, enfim, que da uma história da nossa vida, não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma historia. Temos uma história porque fazemos a narrativa de nossas vidas (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 37).

Havia uma equipe que por vezes, compartilhava as decisões em torno da luta na localidade. Contando com o apoio de instituições como a igreja católica, representada pelas pessoas de Dom Hélder Câmara, Dom Jose Maria Pires e alguns padres da congregação Redentorista, que lhe apresentam figuras como a advogada Tereza Braga, vão dar mais força ao movimento, ensinando estas mulheres a melhor atuar na conquista de seus direitos. E assim conseguem apoio do INCRA (Instituto de Reforma Agrária) que entra definitivamente no contexto para promover a partilha das 2.300 hm, no ano de 1984.

Esta luta hoje é relatada por uma senhora de noventa anos que, para muitos, pode não ter mais tanta importância social, mas que para o contexto da história social paraibana é relevante. Para a perspectiva do saber educacional a memória biográfica desta senhora. Também é de vital importância na construção das identidades das novas gerações que a cercam.

A narração da velhice é uma forma artesanal da comunicação. Ela não visa a transmitir o “em si” do acontecido, ela tece até atingir uma forma boa, investe sobre o objeto e o transforma. Tendência comum dos narradores é começar com a exploração das circunstancia em que assistiu ao episodio (BOSI, 2009, p.88).

Este é um exemplo de uma mulher que vem retratar a atividade significativa que as mesma teve dentro do contexto de luta, trazido através de suas memórias. O respeito que os membros da comunidade têm por ela ainda é muito grande mesmo que esta não participe mais de movimentos sociais. A sua atuação e luta faz parte da memória histórica do movimento social empreendido no Geraldo e que deve ser notabilizado a partir dos auspícios da história social.

Buscar os relatos biográficos desta líder camponesa significa empreender uma releitura capaz de valorizar os que muitas vezes são esquecidos pela história, por não serem detentores do poder econômico. Enaltecer a luta desta mulher camponesa, chamando atenção para o seu papel de educadora popular na luta pelos direitos humanos dos trabalhadores rurais da região, é uma forma de ressaltar que sua luta não foi esquecida, pois existirão relatos estruturados na forma de pesquisa acadêmica que poderão ser usufruídos pelas gerações futuras.

As memórias, e os relatos autobiográficos em geral, configuram um tipo singular de narrativa que se ancora na vontade de vencer a morte, na garantia da linguagem da escrita condensar a imortalidade. A escrita de memórias, uma estrutura de conexão entre o passado e o presente, define-se como um lugar de vida que adia a morte (GONÇALVES, 2007, p.112).

Partir da figura de uma personagem histórica, na construção de uma narrativa entrelaçada ao debate historiográfico sobre a participação feminina na liderança camponesa, foi a proposta deste trabalho lançando um olhar crítico sobre os relatos biográficos de Josefa Ermina Cobé, juntamente com o estudo de outras fontes históricas referentes ao recorte temporal escolhido.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Discutir sobre o movimento social rural e sua importância histórica é relevante para os estudos e pesquisas no campo da história social, pois a luta dos trabalhadores é valiosa tanto para compreender as questões do campo como para entender o posicionamento e a atuação destes trabalhadores nos conflitos que ali se evidenciavam. Deste modo, ao discutirmos sobre a história de vida de Josefa Ermina Cobé na sua luta pela terra e sua atuação pelo movimento estaremos evidenciando o papel dos trabalhadores no contexto do movimento.

Falar sobre as mulheres no âmbito do movimento social e sua atuação no contexto da história é propor visibilidade ao seu papel social, histórico e educacional. Neste sentido, as histórias narradas por Dona Josefa Ermina Cobé nos possibilitaram entender que a mulher no movimento social tem uma construção histórica significativa na luta pela terra. Deste modo, a história de vida desta senhora nos levou a inferir que sua prática social foi educativa na luta dos trabalhadores e de seus direitos humanos, ao mesmo tempo em que nos possibilitou verificar, a partir do olhar desta mulher o quanto as mulheres não são vozes silenciadas, mas adquirem sua dimensionalidade no cotidiano de sua vida através de suas diferentes formas de atuação.

REFERÊNCIAS

- BARROS, José D`Assunção. **O Campo da História: especialidades e abordagens.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2004. P.250.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos.** 15. Ed. São Paulo-SP: Companhia das letras, 2009, P.73-91.
- BITTENCOURT, Ícaro. **O mutualismo operário e os desafios à história social.** nº 4, Vol.2, Aedos, 2009. P. 17.
- DELORY-MOMBERGER. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-objeto.** TRAD: PASSAGGI, Maria da Conceição; SILVA NETO, João Gomes; PASSAGGI, Luis. Natal- RN: EDUFRN, 2008, p.147.
- PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo.** 23.Ed. São Paulo-SP: Brasiliense, 2004. P.381.
- GONÇALVES, Margareth de Almeida. **Viagem e escrita de si em Maria Graham.** Seropédica-RJ, EDUR, v. 29, n. 1. Rev. Univ. Rural, Sér. Ciências Humanas. , jan.-jun, 2007. P. 110-122.
- MATOS, Maria Izilda s. de. **Da invisibilidade ao gênero: percursos e possibilidades nas Ciências Sociais contemporâneas.** São Paulo-SP: Margem, 2002. Nº15, p. 16.
- MEIHY, José Carlos Sebe B; HOLANDA, Fabiola. **História oral: como fazer, como Pensar.** São Paulo – SP: contexto, 2007, p. 175.
- SOUZA, Francisco de Assis Lemos de. **Nordeste, o vietnã que não houve: Ligas Camponesas e o golpe de 1964.** Londrina: UFL, 1996.
- THOMPSON, Edward T. **A formação da Classe operaria Inglesa: A árvore da liberdade.**Vol. 1, Trad: BOTTMANN, Denise. Rio de Janeiro -RJ: Paz e Terra, 1987, p.204.
- VASCONCELOS, Tânia Maria pereira. **A perspectiva de gênero redimensionando a disciplina histórica.** Vol.3, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, 2005, p.7.
- VIEIRA, Maria do Pilar Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. **A pesquisa em História.** 5.Ed, São Paulo-SP: Ática, 2007, P.80.

APÊNDICE

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**Nome: Josefa Ermina Cobé****Idade:90 anos****Escolaridade:****Profissão:agricultora****Etnia: branca (X) negra () indígena () outra? Qual? _____****Local onde nasceu? Soledade- PB****Sua família é originária de Alagoa Nova? Não**

1. Fale sobre sua infância e juventude em Alagoa Nova, a vida e o trabalho no campo naquela época?
2. Comente como era o trabalho na zona rural de Alagoa Nova e a vida dos trabalhadores rurais nesta região antes da luta e movimento em torno do Engenho Geraldo?
3. Como a senhora aprendeu a ler e escrever? Quem influenciou a senhora no aprendizado?
4. Naquele período o que vocês faziam quando não estavam nas atividades do trabalho do campo?
5. Como era o estudo, o lazer e as festividades religiosas locais naquele período?
6. Fale como começou a luta pela terra na região do Engenho Geraldo?
7. Quando começou a organização dos trabalhadores?
8. Quem estava na liderança do movimento na época?
9. Qual a reação dos proprietários da terra e do poder político local?
10. Por que e quando a senhora começou a participar do movimento de luta pela terra?
11. Como a senhora percebe hoje, a luta pela terra em Alagoa Nova durante o movimento organizado em relação ao Engenho Geraldo?
12. Como era a participação das mulheres no movimento? O que faziam?

13. Como a senhora vê a sua participação no movimento de luta pela terra em Alagoa Nova?
14. Qual a importância para a senhora desta luta e de seu envolvimento nela?
15. Como a senhora vê o envolvimento da igreja nesta luta?